

# **Doppelgänger**

**NAOMI KLEIN**

**Doppelgänger**

Uma viagem através do Mundo-Espelho

**CARAMBAIA**  
10 ANOS

*Tradução*  
Renato Marques

*Posfácio*  
Rodrigo Nunes

Introdução 11

A eu genérica

**Parte I: Vida dupla 25**

1. Ocupada 27
2. Entra em cena a covid, multiplicadora de ameaças 43
3. Minha marca fracassada, ou me chame pelo nome dela 61
4. Encontrando a mim mesma na floresta 87

**Parte II: Mundo-Espelho 93**

5. Eles sabem sobre os telefones celulares 95
6. Linhas diagonais 119
7. MAGA Plus 143
8. Ridiculamente sério, seriamente sem palavras 169
9. A extrema direita encontra a extrema bizarrice 195
10. Autismo e o prelúdio antivacina 237

**Parte III: Terras das sombras 271**

11. Calma, conspiração... capitalismo 273
12. A única saída é voltar atrás 301
13. O nazista no espelho 325
14. O indissociável duplo étnico 337

**Parte IV: Encarando o real 381**

15. Des-eu-ização 383

Epílogo 411

Quem é o duplo?

Agradecimentos 419

Posfácio 425

Rodrigo Nunes

Notas bibliográficas 437

Índice remissivo 463

Sobre a autora 475

IN MEMORIAM:

Mike Davis,  
Barbara Ehrenreich,  
bell hooks,  
Leo Panitch

*Uma terrível multidão de duplicatas surgiu do nada.\**  
– Fiódor Dostoiévski, *O duplo*, 1846

*Quantos de todo mundo vai haver?*  
– Jordan Peele, *Nós*, 2019

\* Tradução da citação, tal qual foi inserida, em inglês, pela autora. Há diferenças em relação a traduções do russo presentes em edições brasileiras do texto. “[...] brotavam como que de debaixo da terra figuras, iguaizinhas, totalmente semelhantes.” Fiódor Dostoiévski. *O duplo: Poema petersburguense*. Trad., posf. e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, p. 157. [NOTA DESTA EDIÇÃO]

## Introdução: A eu genérica

Em minha defesa, jamais foi minha intenção escrever este livro. Eu não tinha tempo. Ninguém me pediu. E várias pessoas me alertaram com veemência contra a ideia. Não agora – não com os incêndios, literais e metafóricos, que assolam o nosso planeta. E certamente não sobre este tema.

A Outra Naomi – é assim que me refiro a ela agora. Essa pessoa com quem eu tenho sido cronicamente confundida há mais de uma década. Minha *doppelgänger* de cabeleira exuberante. Uma pessoa que tantas outras parecem achar indistinguível de mim. Uma pessoa que faz muitas coisas extremas, por causa das quais desconhecidos me condenam com severidade, me agradecem ou expressam pena de mim.

O próprio fato de eu me referir a ela me valendo de qualquer espécie de código demonstra o absurdo da minha situação. Durante um quarto de século, fui uma pessoa que escreveu sobre o poder corporativo e as devastações que ele engendra. Eu me esgueiro furtivamente para dentro de fábricas desumanas em países distantes e através de fronteiras para bisbilhotar ocupações militares; faço relatos sobre as consequências de derramamentos de petróleo e furacões de categoria 5. Escrevo livros de Grandes Ideias sobre Assuntos Sérios. E, no entanto, nos meses e anos durante os quais este texto surgiu – uma época em que os cemitérios ficaram sem espaço e bilionários se lançaram espaço sideral afora –, todas

as outras coisas que eu tive de escrever ou poderia ter escrito me pareceram apenas uma intromissão indesejada, uma interrupção rude. Por acaso eu aceitaria participar de uma série de eventos antecedendo uma importante Cúpula do Clima das Nações Unidas? Não, sinto muito, minha agenda já está lotada de compromissos. Tem algum comentário a fazer sobre a retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão? Sobre os vinte anos do 11 de Setembro? A invasão russa da Ucrânia? Não, não e, de novo, não.

Em junho de 2021, quando este projeto começou de fato a escapar do meu controle, um novo e estranho fenômeno climático apelidado de “domo de calor” desceu sobre a costa sul da Colúmbia Britânica, a parte do Canadá onde hoje em dia vivo com a minha família. A massa de ar denso parecia uma entidade invasiva e rosante, movida por intenções malévolas. Morreram mais de seiscentas pessoas<sup>1</sup>, em sua maioria idosos; estima-se que 10 bilhões de criaturas marinhas tenham sido cozinhadas vivas no nosso litoral; uma cidadezinha inteira ardeu em chamas. É raro que este rincão remoto, isolado e pouco povoado chegue às manchetes internacionais, mas por um breve momento o domo de calor nos tornou famosos. Um editor me perguntou se eu, na condição de alguém envolvido na luta contra as alterações climáticas havia quinze anos, gostaria de apresentar um relato sobre como foi viver esse evento climático inaudito.

“Estou trabalhando em outra coisa”, aleguei, o fedor da morte enchendo minhas narinas.

“Posso perguntar em quê?”

“Não, não pode.”

Durante esse período de subterfúgios febris, negligenciei muitas outras coisas importantes. Naquele verão, permiti que meu filho de 9 anos passasse tantas horas assistindo a uma sangüinolenta série documental sobre a natureza chamada *Clube da luta animal* que ele começou a me acertar cabeçadas “feito um grande tubarão-branco” quando eu me sentava à escrivaninha. Não passei tempo suficiente com os meus pais octogenários, que residem a apenas meia hora de carro de distância da minha casa, apesar da sua vulnerabilidade estatística à pandemia mortal que assolava o mundo e a despeito daquela letal bolha de ar quente. No outono, meu marido concorreu a um cargo numa eleição de âmbito

nacional; embora eu o tenha acompanhado em algumas viagens de campanha, sei que poderia ter feito mais.

Eu me deixei enredar em toda essa negligência para poder... o quê? Checar a conta dela no Twitter, suspensa diversas vezes? Estudar as aparições dela nas lives de Steve Bannon a fim de obter indícios reveladores da química elétrica que existia entre os dois? Ler ou ouvir mais alguns de seus alertas de que medidas básicas de saúde eram a bem da verdade uma conspiração secreta orquestrada pelo Partido Comunista Chinês, Bill Gates, Anthony Fauci e o Fórum Econômico Mundial com o intuito de semear a morte em massa em escala tão colossal que só poderia ser o trabalho do diabo em pessoa?

Minha vergonha mais profunda está no indescritível número de podcasts que consumi com sofreguidão, no imenso volume de horas perdidas que jamais recuperarei. Uma quantidade de tempo equivalente a um mestrado. Eu dizia a mim mesma que era “pesquisa”. Minha desculpa era a seguinte: se quisesse entender a Outra Naomi e seus seguidores e simpatizantes, que agora haviam declarado guerra total contra a realidade objetiva, eu teria de mergulhar de cabeça no arquivo de um sem-número de programas semanais e quinzenais, extremamente prolíficos e avessos a qualquer esforço de edição, com nomes como *QAnon Anonymous* e *Conspirituality*, devotados a desvendar, destrinchar e desconstruir uma mixórdia de mundos de teorias da conspiração, embusteiros vendedores de fórmulas de saúde e bem-estar, e suas várias interseções com o negacionismo da covid-19, a histeria antivacina e o fascismo crescente. A isso se somava a tarefa de acompanhar a produção diária de Bannon e Tucker Carlson, de cujos programas a Outra Naomi se tornara uma convidada habitual.

Esse trabalho de escuta devorava quase todos os momentos de interstício da minha vida: o tempo de dobrar a roupa lavada, guardar a louça da máquina, passear com o cachorro, fazer o trajeto de carro para buscar o filho na escola. Numa outra vida, muitas dessas brechas eram períodos em que eu ouvia música ou notícias de verdade, ou telefonava para as pessoas que amo. “Eu me sinto mais próxima dos apresentadores do *Conspirituality* do que de você”, choraminguei certa noite numa mensagem de voz para minha melhor amiga.

Eu dizia a mim mesma que não tinha escolha. Que o que estava fazendo não era, com efeito, um desperdício épico, frívolo e narcisista do tempo já apertado de que dispunha para dedicar à escrita, ou do tempo escasso que ainda resta no relógio do nosso planeta em acelerado aquecimento. Racionalizava que a Outra Naomi, no papel de uma das mais eficazes criadoras e disseminadoras de desinformação e informações fraudulentas sobre muitas de nossas crises mais urgentes – e alguém que aparentemente ajudou a inspirar multidões a sair às ruas em rebelião contra uma “tirania” que não passava de alucinação coletiva –, está no centro de convergência de várias forças que, embora ridículas ao extremo, são, todavia, importantes, uma vez que a confusão que semeiam e o oxigênio que absorvem acabam por atravancar sobremaneira e com força cada vez mais acentuada a realização de praticamente qualquer coisa útil ou saudável que os humanos possam, em algum momento, decidir realizar juntos.

Como colocar de castigo os bilionários que viajam pelo espaço e utilizar a riqueza que eles adquiriram por meios ilícitos para custear programas de moradia e assistência médica e abandonar os combustíveis fósseis antes que o futuro seja um domo de calor interminável. Ou, de forma mais modesta, despachar para a escola seu filhinho que se identifica com tubarões sem temer que o pequeno volte para casa infectado por um vírus extremamente contagioso e potencialmente letal que ele contraiu de um colega de classe cujos pais juram de pés juntos que as vacinas fazem parte de uma conspiração para cometer genocídio e escravizar a humanidade, porque uma senhora na internet chamada Naomi os convenceu de que é assim que as coisas são.

A palavra “*Doppelgänger*” vem do alemão, combinando *Doppel* (duplo, réplica) com *Gänger* (andarilho, aquele que vaga). Às vezes o termo é traduzido como “duplo caminhante”, e posso dizer que ter um duplê perambulando à solta por aí é uma experiência profundamente perturbadora. O “inquietante”, sentimento que Sigmund Freud descreveu como “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar”<sup>2</sup> – mas é subitamente estranho. A inquietação provocada pelos *doppelgängers* é particularmente aguda porque aquilo que se torna desconhecido é você mesmo. Um indivíduo que tem um *doppelgänger*, Freud

escreveu, pode sentir “identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu”<sup>3</sup>. Freud não estava certo com relação a todas as coisas, mas quanto a isso ele tinha razão.

E aqui está um ingrediente a mais: a minha *doppelgänger* é uma pessoa que passou por uma transformação política e pessoal tão drástica que muita gente comentou que ela mesma parece um *doppelgänger* de seu antigo eu. E isso, de certa forma, faz de mim um duplo de um duplo, situação tão inquietante que nem sequer o próprio Freud foi capaz de prever.

Estou longe de ser a única a me engalfinhar com a sensação de que a realidade está de alguma forma distorcida. Quase todo mundo com quem eu converso me conta histórias sobre pessoas que se perderam “toca do coelho abaixo” – pais, mães, irmãos, melhores amigos, bem como intelectuais e analistas outrora de confiança. Pessoas, antes próximas, que se tornaram irreconhecíveis. Alteradas. Começou a parecer que as forças que desestabilizaram o meu mundo faziam parte de uma expansiva teia de forças a desestabilizar o nosso mundo mais amplo – e que compreender essas forças poderia ser a chave para chegar a um terreno mais firme.

\*

Ao longo de mais de vinte anos, desde que aqueles aviões se espatifaram contra o vidro e o aço do World Trade Center, preocupa-me a forma como os choques em grande escala chacoalham e desaranjam as nossas sinapses coletivas, levam à regressão em massa e tornam os humanos presas fáceis para os demagogos. Nos anos que levei para pesquisar e escrever *A doutrina do choque*, meu livro de 2007 sobre esse tema, mergulhei profundamente nas maneiras como certos grupos influentes e oportunistas tiraram proveito de estados de atordoamento pós-choque em muitos contextos diferentes: o 11 de Setembro, o colapso da União Soviética, a invasão do Iraque, o furacão Katrina e acontecimentos bem mais remotos no tempo. Diante de uma opinião pública aterrorizada, aturdida e distraída, segmentos sedentos de poder conseguiram, sem nenhum debate ou consentimento, fomentar e impor medidas políticas que beneficiaram as elites das corporações – o que não difere muito dos métodos brutais utilizados por torturadores que submetem



seus prisioneiros ao isolamento e ao estresse para “amolecê-los” e destruí-los. Ao realizar a pesquisa, acompanhando os ataques aos direitos políticos, bem como as vendas em leilões de terras e serviços públicos, sempre me imaginei imune a essas táticas de choque, já que sabia como funcionavam. Eu não me deixava abalar por acontecimentos sem precedentes, a minha visão se mantinha límpida e lúcida durante as crises, e era meu papel ajudar os outros a ver com clareza. Ou pelo menos era o que eu pensava.

Olhando para trás agora, estremeço, constrangida, ao constatar o quanto a minha posição era cômoda e fácil. Se eu me sentia impermeável ao choque, era sobretudo por causa da minha distância com relação às fontes dos abalos. Não foram os meus familiares que perderam a vida. Não era o meu bairro que estava na fila para ser demolido, tampouco eram os professores do meu filho que estavam perdendo o emprego para que as escolas públicas pudessem ser convertidas em instituições de ensino privadas.

Mas a covid... com a covid a história foi diferente. A epidemia transtornou meu mundo pessoal, assim como o mundo de todos nós. Durante os primeiros quatro meses, enquanto eu ainda morava em New Jersey, fiquei confinada em casa com nosso filho neuroatípico, tentando em vão ajudá-lo a estudar nas aulas online e, mais importante, acalmar sua alma porosa, para a qual era inevitável absorver o terror que nos cercava. Ambulâncias vieram buscar nossos vizinhos, o vírus devastou nosso círculo de amigos. Ainda assim tive sorte – eu não estava na linha de frente nas enfermarias da covid –, mas tampouco a habitual distância com que observava e relatava os fatos me punha a salvo da pandemia. Todas as manhãs eu acordava exausta e, em um torpor estupefato, fitava minhas várias telas. Pela primeira vez, não era o choque de outrem. E os choques continuaram chegando sem parar.

Um estado de choque é o que nos acontece – individualmente ou como sociedade – quando vivenciamos um acontecimento repentino e ímpar para o qual ainda não temos uma explicação adequada. Em sua essência, um choque é a lacuna que se abre entre o acontecimento e as narrativas existentes para explicá-lo. Sendo criaturas narrativas, os seres humanos tendem a se sentir muito desconfortáveis diante de vácuos de significado – razão pela qual punhados desses oportunistas, as pessoas a quem denominei “capitalistas do

desastre”, se apressaram a preencher a lacuna com as suas listas de desejos preexistentes e histórias simplistas do bem contra o mal. De tão equivocadas, essas histórias podem até beirar o caricatural (“Ou vocês estão conosco ou estão com os terroristas”, eles nos disseram depois do 11 de Setembro, e também “Os terroristas odeiam as nossas liberdades”). Mas pelo menos essas histórias existem – e isso por si só é suficiente para torná-las melhores que o nada que caracteriza a lacuna.

“Reúnam-se, encontrem sua base de equilíbrio e sua história.” Esse é o conselho que, há duas décadas, eu venho dando sobre como se esquivar do choque em momentos de trauma coletivo. Metabolizem juntas o choque, eu digo às pessoas, e juntas criem significado. Resistam aos tiranos desprezíveis que lhes dirão que agora o mundo é uma folha em branco na qual eles escreverão histórias violentas.

É um conselho robusto. Mas a covid dificultou muito as iniciativas de ação. O controle do vírus impôs a muitos de nós, incluindo a mim, as mesmas condições que tornam os humanos mais vulneráveis a estados de choque: o estresse e o isolamento prolongados. Meu próprio isolamento ficou mais extremo quando, quatro meses depois do início da pandemia, regressamos ao Canadá. Era para ser uma viagem temporária a fim de ficarmos perto dos meus pais. Mas, como tantas outras pessoas, ficamos presos. Agora vivemos em tempo integral num penhasco, no fim de uma rua sem saída situada a três horas da cidade mais próxima, incluindo uma travessia numa balsa meio periclitante. Eu só me arrependo às vezes de ter deixado para trás o serviço de entrega em domicílio dos restaurantes, e de abrir mão do fornecimento estável de energia elétrica e do metrô em troca de uma confiável escola de educação aberta do interior, do fácil acesso a trilhas na floresta e da chance pequena, mas ainda assim bastante concreta, de vislumbrar a barbatana dorsal preta de uma orca cortando as águas cor de aço do mar de Salish. Aqui é bom – quando o lugar não é sufocado pelo calor e pela fumaça dos incêndios florestais ou açoitado por tempestades para as quais temos sempre de aprender novos nomes (“ciclone bomba”, “rio atmosférico” e “expresso do abacaxi”, tudo em um longo e úmido inverno). Mas é uma região isolada. Então, talvez tenha sido isto que por fim me fez chegar ao limite (ou me

vez perder as estribeiras?): os meses a fio sem o contato com humanos em carne e osso para sentir e com quem pensar.

Isso, e entrar na internet para tentar encontrar algum simulacro das amizades e comunidades que me faziam falta, e me deparar, em vez disso, com o contrário, a Confusão: uma torrente de pessoas discutindo a meu respeito e sobre coisas que disse e fiz – só que não era eu. Era ela. O que suscitou uma questão alarmante: quem, então, era eu?

Na tentativa de compreender a enrascada em que eu estava, comecei a ler e assistir a tudo o que consegui encontrar sobre duplos e *doppelgängers*, de Carl Jung a Ursula K. Le Guin; de Fiódor Dostoiévski a Jordan Peele. A figura do duplo começou a me fascinar – seu significado na mitologia antiga e no nascimento da psicanálise. A forma como o “eu gêmeo” representa nossa aspiração mais elevada – a alma eterna, aquele ser efêmero que supostamente sobrevive ao corpo. E a forma como o duplo representa também as partes mais reprimidas, depravadas e rejeitadas de nós mesmos que não suportamos ver – o gêmeo maligno, o eu sombrio, o anteu, o médico que se desdobra no monstro. Essas histórias logo me ensinaram que a minha crise de identidade era provavelmente inevitável: quase sempre caótica e estressante, a aparição de um *doppelgänger* causa paranoia, e a pessoa que encontra seu duplo é sempre levada ao limite devido à frustração e à estranheza de tudo.

Todavia, os *doppelgängers* não são apenas formas de tormento. Durante séculos os duplos foram entendidos como avisos ou arautos. Quando a realidade começa a se duplicar, a refratar-se, isso muitas vezes significa que algo importante está sendo ignorado ou negado – uma parte de nós e do nosso mundo que não queremos ver – e que, se não dermos a devida atenção ao alerta, um perigo adicional nos aguarda. Isso se aplica aos indivíduos, mas também a sociedades inteiras que estão divididas, duplicadas, polarizadas ou dilaceradas em vários campos beligerantes e aparentemente irreconhecíveis. Sociedades como a nossa.

Em seu clássico filme *Um corpo que cai* [*Vertigo*], de 1958, Alfred Hitchcock chamou de “vertigem” o turbulento estado de viver na presença de *doppelgängers*; entretanto, a julgar pela minha experiência, um termo ainda mais ressoante é aquele usado pelo

filósofo mexicano Emilio Uranga em 1952: *zozobra*. Palavra em espanhol para descrever ansiedade existencial e melancolia profunda, *zozobra* evoca também uma instabilidade generalizada: “um modo de ser que oscila incessantemente entre duas possibilidades, entre dois afetos, sem saber em qual deles fiar-se”<sup>4</sup> – absurdo e gravidade, perigo e segurança, morte e vida. Uranga escreve: “Nesse vaivém a alma sofre, sente-se dilacerada e ferida”.

Philip Roth esmiuçou esse movimento de “puxa e empurra” no romance *Operação Shylock: Uma confissão*, sobre seu próprio *doppelgänger*: “É ridículo demais pra levar a sério e sério demais pra ser ridículo”<sup>5</sup>, ele escreveu sobre um sócio do próprio Roth. Essa frase se tornou meu mantra durante o período inquietante a que me refiro. Os movimentos políticos que a Outra Naomi ajuda a encabeçar são ridículos, indignos de atenção – ou serão parte de uma grave mudança no nosso mundo que necessita de nosso enfrentamento urgente? Devo rir ou chorar? Estou empacada neste penhasco, ou tudo ao redor é que está se movendo rápido demais?

Se a literatura e a mitologia sobre os *doppelgängers* servirem de guia, quando se depara com o surgimento de um duplo, uma pessoa tem o dever de embarcar em uma jornada – uma busca para entender quais mensagens, segredos e presságios lhe estão sendo oferecidos. Então, foi o que eu fiz. Em vez de rechaçar minha sócia, tentei aprender tudo o que podia sobre ela e os movimentos dos quais faz parte. Eu a segui enquanto ela chafurdava cada vez mais fundo em um labirinto de tocas de coelhos conspiratórias, lugares onde muitas vezes pareceu que minha própria pesquisa para *A doutrina do choque* atravessara o espelho e agora me encarava como uma rede de tramas fantásticas a alardear que as crises muito reais que enfrentamos – da covid às alterações climáticas e à hostilidade militar russa – são de fato operações de bandeira falsa, plantadas pelos comunistas chineses/globalistas corporativos/judeus.

No encalço de minha *doppelgänger*, monitorei as novas alianças que ela forjou com alguns dos homens mais malévolos do planeta, aqueles que semeiam o caos informativo em grande escala e que de bom grado incitam insurreições de país em país. Investiguei suas recompensas – políticas, emocionais e financeiras – e esmiucei a fieira dos profundos medos e negacionismos raciais, culturais e históricos dos quais eles se alimentam. Acima de tudo,

tentei descobrir os tipos de respostas que seriam capazes de fazer esvair o poder – em franco crescimento – dessas forças antidemocráticas armadas até os dentes.

A meu ver, essa busca tinha fundamentos legítimos. Venho sendo confundida com a Outra Naomi há tanto tempo e com tanta frequência que muitas vezes tive a sensação de que era ela quem estava me seguindo. Parecia muito justo que eu a seguisse de volta.

Em histórias sobre duplos, gêmeos e impostores, invariavelmente acontece que o *doppelgänger* atua como uma espécie de espelho indesejável, que mostra ao protagonista uma versão vaidosa e venal de si mesmo. Não será revelador demais dizer que, enquanto eu observava minha sócia, em mais de uma ocasião senti aquele sobressalto indesejado de reconhecimento. No entanto, o que me levou a escrever este livro, persistindo nele e contrariando todo o bom senso, é que, quanto mais eu olhava para minha *doppelgänger* – suas desastrosas escolhas e a maneira cruel como muitas vezes era tratada pelos outros –, mais tinha a sensação de estar vendo não apenas partes indesejáveis de mim mesma, mas também uma ampliação de muitos aspectos indesejáveis de nossa cultura compartilhada. O apetite abrangente e onipresente por uma relevância cada vez mais fugaz; a descartabilidade com que tratamos as pessoas que fazem besteira; a banalização das palavras e as transferências de responsabilidade, e muito mais. Ao fim e ao cabo, olhar para a Outra Naomi me ajudou a ver a mim mesma com mais clareza; contudo, ao mesmo tempo, bizarramente, me ajudou a ver melhor a armadilha dos perigosos sistemas e dinâmicas nos quais estamos todos enredados.

Este livro, portanto, não é uma biografia da Outra Naomi, tampouco oferece um diagnóstico psicanalítico dos comportamentos dela. É uma tentativa de utilizar a minha própria experiência com uma *doppelgänger* – os estragos causados e as lições que aprendi sobre mim, sobre ela e sobre nós – como um guia a conduzir o leitor para dentro e através do que passei a entender como nossa cultura do *doppelgänger*. Uma cultura apinhada de formas diversas de duplicação, em que todos nós que mantemos uma persona ou avatar online criamos nossos próprios duplos – versões virtuais de nós mesmos que nos representam para os outros. Uma cultura na qual muitos passam a pensar em si mesmos como

marcas pessoais, forjando uma identidade cindida que a um só tempo somos nós e não somos nós, uma duplicata que encenamos incessantemente no éter digital como o preço a se pagar para obtermos acesso a uma voraz economia da atenção. E, o tempo todo, as corporações tecnológicas utilizam esses dados para treinar máquinas incumbidas de criar simulacros artificiais da inteligência humana e das funções humanas, duplos assemelhados à vida real que têm as suas próprias pautas de interesses, as suas próprias lógicas e as suas próprias ameaças. Tenho me perguntado: o que toda essa duplicação está fazendo conosco? De que maneira está controlando aquilo em que devemos prestar atenção, e – de maneira mais decisiva – aquilo que tratamos com descaso?

À medida que espregueitava minha sócia e seguia seu rastro nas profundezas de seu mundo – um lugar onde influenciadores de bem-estar (em cenários oníricos e o rosto modificado por filtros de beleza) agem em conluio com propagandistas de extrema direita possessos e vociferantes, tudo em nome de salvar e proteger “as crianças” –, eu me vi confrontando outras tantas formas de duplicação e criação de *doppelgängers*, estas com consequências nitidamente mais relevantes. Assim como toda a esfera política se assemelha cada vez mais a um mundo espelhado, a sociedade se rachou em duas, cada lado definindo-se em contraposição ao outro – toda vez que um lado afirma algo e acredita em algo, seja lá o que for, o outro lado parece ter a obrigação de afirmar o contrário e acreditar exatamente no oposto. Quanto mais eu me aprofundava, mais notava este fenômeno ao meu redor: indivíduos que não eram norteados por princípios nítidos ou crenças e convicções decifráveis, mas em vez disso agiam como membros de um grupo empenhado em jogar o yin contra o yang do outro – potente versus fraco; lúcido versus ingênuo; virtuoso versus depravado. Oposições binárias onde outrora vigorava o pensamento.

De início, pensei que o que eu estava vendo no mundo da minha *doppelgänger* era sobretudo uma fraude desenfreada. Com o tempo, porém, comecei a ter a nítida impressão de que estava testemunhando também uma nova e perigosa formação política a estruturar-se em tempo real, com suas alianças, visão de mundo, slogans, inimigos, palavras-código e zonas proibidas – e, principalmente, acima de tudo, seu trabalho de base organizado para usurpar o poder.

E tudo isso, logo ficou claro, estava emaranhado num outro tipo de duplicação, mais sinistro: a antiquíssima forma como raça, etnia e gênero criam perigosos duplos que pairam sobre categorias inteiras de pessoas – aquelas que outras consideram Selvagens. Terroristas. Ladrões. Prostitutas. Propriedades. Isso desperta a parte mais assustadora da minha jornada *doppelgänger*: não é apenas um indivíduo que pode ter um duplo sinistro; nações e culturas também os têm. Muitos de nós sentimos e tememos uma guinada decisiva. De democratas para autoritárias. De seculares para teocráticas. De pluralistas para fascistas. Em alguns lugares, a guinada já ocorreu. Em outros, parece tão próxima e íntima quanto um reflexo distorcido no espelho.

À medida que a minha investigação avança, esta é a forma de *doppelgänger* que me preocupa cada vez mais: o Estado-palhaço fascista que é o irmão gêmeo ubíquo das democracias liberais ocidentais, perpetuamente ameaçando engolir-nos em suas fogueiras de pertencimento seletivo e de desprezo feroz. Há séculos a figura do *doppelgänger* tem sido usada para nos alertar sobre essas versões sombrias de nosso eu coletivo, sobre esses monstruosos futuros possíveis.

Já chegamos lá? Nem todos nós, pelo menos ainda não. Mas a pandemia, que se soma a tantas outras emergências há muito reprimidas, levou a humanidade a algum lugar onde nunca estivemos, a algum lugar próximo, mas diferente. Essa diferença é o que explica a estranheza que tantos de nós estamos tentando nomear – tudo tão conhecido e, ainda assim, um bocado insólito. Pessoas inquietantes, a política de pernas para o ar, e até mesmo, à medida que a inteligência artificial acelera, uma dificuldade cada vez mais acentuada de discernir quem e o que é real. Aquela sensação de desorientação da qual falamos uns para os outros? De não saber em quem podemos confiar e em que acreditar? De amigos e entes queridos comportando-se como desconhecidos? É porque o nosso mundo mudou, mas, tal qual um caso de *jet lag* coletivo, a maioria de nós ainda está sintonizada com os ritmos e hábitos do lugar que ficou para trás. Já passou da hora de encontrarmos nosso esteio e nosso rumo nesse novo lugar.

No romance *O homem duplicado*, José Saramago inclui uma epígrafe: “O caos é uma ordem por decifrar”<sup>6</sup>. Eis aqui a minha tentativa

de decifrar o caos da cultura do *doppelgänger*, com o seu labirinto de eus simulados e avatares digitais e vigilância em massa e projeções raciais e étnicas e duplos fascistas e as sombras deliberadamente negadas que estão todas vindo à tona ao mesmo tempo. Serão necessárias algumas desvairadas reviravoltas – mas tenha certeza de que o objetivo deste mapeamento não é ficarmos presos dentro da casa de espelhos, e sim fazermos o que julgo que muitos de nós desejamos fazer: escapar dos limites enlouquecedores e encontrar nosso caminho em direção a alguma espécie de poder e propósito coletivos. O objetivo é escaparmos dessa vertigem coletiva e chegarmos, juntos, a algum lugar inequivocamente melhor.

**Parte I**  
**Vida dupla**  
(Performance)

Encontrei uma maneira de viver  
ao lado do meu nome. Isso se  
mostrou bastante útil.  
– Judith Butler, 2021<sup>7</sup>

# 1

## Ocupada

Na primeira vez que isso aconteceu eu estava na cabine de um banheiro público nos arredores de Wall Street, em Manhattan. Prestes a abrir a porta, ouvi duas mulheres falando de mim.

“Você viu o que a Naomi Klein disse?”

Congelei, pré-humilhada, e num súbito estalo me vieram à lembrança todas as meninas malvadas dos meus tempos de ensino médio. O que eu havia dito?

“Alguma coisa sobre como a marcha de hoje é uma péssima ideia.”

“E quem perguntou a ela? Na verdade, eu acho que ela não entende as nossas demandas.”

Esperre aí. Eu não havia dito nada a respeito da marcha – e nem uma palavra sobre as demandas. Aí me dei conta: eu sabia quem tinha feito isso. Fui tranquilamente até a pia, pelo espelho fiz contato visual com uma das mulheres e disse palavras que repetiria muitas vezes nos meses e anos seguintes.

“Acho que vocês estão falando da Naomi Wolf.”

Isso foi em novembro de 2011, no auge do Occupy Wall Street (OWS), o movimento em que grupos de jovens acamparam em parques e praças públicas em cidades dos Estados Unidos, do Canadá, da Ásia e do Reino Unido. Inspirado na Primavera Árabe e nas ocupações de praças encabeçadas por jovens no sul da Europa, o protesto foi um grito coletivo contra a desigualdade econômica e os



crimes financeiros e que, ao fim e ao cabo, daria origem a uma nova política geracional. Naquele dia, os organizadores do acampamento original de Manhattan convocaram uma marcha em massa pelo distrito financeiro, e, a julgar por todas as roupas pretas e o pesado delineador líquido, dava para perceber que ninguém naquele banheiro público estava só num intervalo das atividades de trading de derivativos.

Eu entendia por que alguns de meus colegas manifestantes confundiam as Naomis. Nós duas escrevemos livros de grandes ideias (o meu *Sem logo, O mito da beleza dela*; o meu *A doutrina do choque, o fim da América dela*; o meu *Tudo pode mudar, o Vagina: Uma biografia dela*). Nós duas temos cabelos castanhos que vez por outra ficam alourados por causa do excesso de luzes (os dela são mais compridos e volumosos que os meus). Ambas somos judias. O mais confuso é que, até certo momento, nossa escrita percorreu estradas claramente distintas (os temas sobre os quais ela se debruçava eram o corpo e a sexualidade femininos e as mulheres em papéis de liderança; já a minha obra se voltou para os ataques corporativos à democracia e para as mudanças climáticas). Porém, quando o Occupy aconteceu, a até então nítida linha amarela que dividia essas pistas começou a se transformar num oscilante borrão.

Por ocasião do incidente no banheiro público, eu já havia visitado a praça Occupy um par de vezes. Estive lá sobretudo a fim de realizar entrevistas sobre a relação entre a lógica do mercado e o colapso climático para o que viria a ser o livro *Tudo pode mudar: Capitalismo vs. clima*. Porém, enquanto lá estive, os organizadores me pediram que fizesse uma breve palestra sobre o choque da crise financeira de 2008 e as violentas injustiças que se seguiram – os trilhões de dólares arregimentados para salvar os bancos cujas inconsequentes operações e transações causaram a crise; a austeridade punitiva imposta a praticamente todo o restante da população mundial; a corrupção legalizada que tudo isso desmascarou. Essas foram as sementes de descontentamento das quais os populistas de direita em dezenas de países acabariam por tirar proveito para fomentar um projeto político ferozmente anti-imigração e anti-“globalista”, incluindo Donald Trump, sob a tutela do seu principal conselheiro, Stephen K. “Steve” Bannon. Àquela altura, porém, muitos de nós ainda alimentávamos a esperança de

que a debacle pudesse catalisar um renascimento democrático e uma nova era de poder de esquerda, capaz de disciplinar o poderio corporativo e empoderar democracias em maus lençóis para enfrentar os nossos muitos vagalhões de emergências, entre elas a emergência climática. Foi em torno disso que girou meu discurso no Occupy. Se você o procurar e assistir, talvez vá às lágrimas diante de tamanha ingenuidade da minha parte.<sup>8</sup>

Naomi Wolf, outrora a porta-bandeira do feminismo na década de 1990, também se interessou pelos protestos, e suponho que tenha sido aí que o quiproquó começou. Ela escrevera um bocado de artigos argumentando que a repressão ao Occupy demonstrava que os Estados Unidos estavam em vias de se transformar em um Estado policial. Esse foi o tema de seu livro *O fim da América*, no qual delineou os “dez passos” que, segundo ela, dão todos os regimes que abandonam a democracia rumo ao fascismo escancarado. A prova apresentada por Wolf de seu diagnóstico de que esse futuro maligno já pairava sobre nós foi a agressiva forma com que estava sendo coibida a liberdade dos manifestantes do Occupy. As autoridades municipais proibiram a utilização de megafones e sistemas de som no parque, e houve uma série de prisões em massa. Em seus artigos, Wolf argumentou que os ativistas deveriam refutar as restrições à sua liberdade de expressão e de reunião a fim de evitar o golpe que, ela insistia, vinha se desenrolando bem debaixo do nariz de todos. Não querendo dar à polícia uma desculpa para evacuar o campo de protestos, os organizadores adotaram uma estratégia diferente, lançando mão do que ficou conhecido como “microfone humano” (em que a multidão repete as palavras do orador, de modo que todos possam ouvir).

Esse não foi o único ponto de divergência entre Wolf e os organizadores do protesto. Para o bem ou para o mal, os “ocupantes” deixaram muito claro que o movimento não tinha uma pauta política – duas ou três demandas que os legisladores pudessem atender de modo que todos os manifestantes fossem embora para casa satisfeitos. Wolf insistiu que isso não era verdade: alegou que o movimento tinha demandas específicas e que, com efeito, ela própria, de maneira improvável, as havia entendido. “Eu descobri o que o ows realmente queria”, ela escreveu no jornal inglês *The Guardian*, explicando: “Pela internet, comecei a perguntar a

autoproclamados ativistas do Occupy: ‘O que vocês querem?’”<sup>9</sup>. Desprezando o comprometimento do movimento com a democracia participativa e radical, Wolf transformou os resultados de sua pesquisa aleatória em uma pequena lista de reivindicações e assumiu pessoalmente a responsabilidade de entregá-la em mãos ao governador de Nova York, Andrew Cuomo, em um evento formal organizado pelo site de notícias *The Huffington Post*, ao qual ela e Cuomo compareceriam como convidados.

As coisas ficaram ainda mais esquisitas. Sem conseguir falar com Cuomo lá dentro, Wolf deixou o evento para se dirigir espontaneamente à multidão de manifestantes do Occupy Wall Street na calçada e, ao mesmo tempo que lhes informava quais eram as demandas deles e lhes dizia que estavam reivindicando do jeito errado porque “tinham o direito assegurado pela Primeira Emenda de usar um megafone”<sup>10</sup>, conseguiu ser detida pela polícia usando um vestido longo cor de vinho, em meio a um empurra-empurra documentado por um amontoado de câmeras. Era a isso que as mulheres no banheiro se referiam quando falavam sobre como “a Naomi Klein” não entendia suas demandas.

Prestei uma atenção apenas periférica às travessuras de Wolf à medida que se desenrolavam – suas estrepolias foram somente mais algumas em meio às muitas coisas bizarras em torno do Occupy durante aquele outono turbulento. Num dia o acampamento fervilhava de rumores de que o Radiohead estava prestes a fazer um show gratuito – apenas para descobrir que isso era uma primorosa pegadinha e que a banda ainda estava na Inglaterra. No dia seguinte, Kanye West e Russell Simmons apareceram, comitivas a reboque, trazendo presentes para os manifestantes acampados. Em seguida foi a vez de Alec Baldwin dar as caras. Nessa atmosfera circense, uma escritora já no meio da carreira sendo algemada enquanto dava ordens em vão a manifestantes com metade de sua idade era fchinha.

Depois do incidente no banheiro público, todavia, comecei a prestar mais atenção ao que Wolf vinha fazendo, por causa da recente constatação de que algumas de suas ações estavam respingando em mim. E a situação foi ficando cada vez mais estapafúrdia. Depois que a polícia evacuou os parques e as praças dos acampamentos do Occupy de uma ponta à outra dos Estados

Unidos, Wolf escreveu um artigo alegando, sem nenhuma prova, que as ordens vieram diretamente do Congresso e da Casa Branca de Barack Obama.

“Quando você liga os pontos”<sup>11</sup>, Wolf escreveu, tudo faz sentido. A repressão ao ows foi “a primeira batalha numa guerra civil [...]. É uma batalha em que membros do Congresso, em conluio com o presidente dos Estados Unidos, ordenaram uma repressão violenta e organizada contra o povo que em tese deveriam representar”. Isso, declarou Wolf, marcava uma guinada definitiva em direção ao regime totalitário – afirmação que ela já havia feito antes, na administração George W. Bush, prevendo com toda a convicção do mundo que Bush não permitiria a realização das eleições de 2008 (ele permitiu), e que voltaria a fazer muitas outras vezes no decorrer dos anos seguintes. “Infelizmente, esta semana os estadunidenses chegaram mais perto de se tornar verdadeiros irmãos e irmãs dos manifestantes da praça Tahrir”<sup>12</sup>, Wolf escreveu. “Tal como aconteceu com eles, os nossos próprios líderes nacionais [...] agora estão travando uma guerra contra nós.”

Os furos na argumentação e as conclusões precipitadas já eram péssimos. Mas o que piorou as coisas para mim foi que, diante do novo foco de Wolf nos abusos do poder corporativo e político durante estados de emergência, algo que ela havia mencionado apenas de passagem em *O fim da América*, tive a impressão de estar lendo uma paródia de *A doutrina do choque*, na qual todos os fatos e evidências foram cuidadosamente extirpados e em que se chegava a conclusões amplas e caricaturais que eu jamais endossaria. E, embora ainda não fosse confundida com minha *doppelgänger* com tanta frequência, eu sabia que algumas pessoas me dariam crédito pelas teorias de Wolf. Tive a sensação de uma experiência extracorpórea. Examinei mais de perto os artigos sobre sua detenção em trajes de gala, e uma frase de uma matéria do *Guardian* me chamou atenção: “O parceiro e namorado dela, o produtor de cinema Avram Ludwig, também foi detido”<sup>13</sup>.

Li a frase para meu parceiro, o diretor e produtor de cinema Avram Lewis (que atende por Avi).

“Que porra é essa?”, perguntou ele.

“Eu sei”, disse eu. “Porra, parece uma conspiração.”

E nós dois caímos na risada.



Na década que se seguiu ao Occupy, Wolf ligou os pontos entre um número quase insondável de fragmentos díspares de fatos e fantasias. Ela lançou especulações infundadas sobre o denunciante da Agência de Segurança Nacional, Edward Snowden (“ele não é quem afirma ser”<sup>14</sup>, insinuando que Snowden é um espião em atividade). Sobre as tropas dos Estados Unidos enviadas para construir hospitais de campanha na África Ocidental durante o surto de ebola de 2014 (não se tratou de uma tentativa de impedir a propagação da doença, mas sim de uma conspiração para trazer o vírus para os Estados Unidos a fim de justificar “lockdowns em massa” em solo estadunidense)<sup>15</sup>. Sobre as decapitações de prisioneiros estadunidenses e britânicos pelo Estado Islâmico (possivelmente não eram assassinatos reais cometidos pelo E. I., mas operações secretas encenadas pelo governo dos Estados Unidos e estreladas por atores contratados)<sup>16</sup>. Sobre a prisão de Dominique Strauss-Kahn, ex-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, sob alegações de que ele agrediu sexualmente uma governanta em um quarto de hotel em Nova York (as acusações acabaram sendo retiradas e o litígio foi resolvido por um acordo financeiro, mas Wolf conjecturou se tudo teria sido uma operação de “serviço de inteligência” com o intuito de tirar Strauss-Kahn da disputa nas eleições francesas, em que ele era “o favorito para derrotar Nicolas Sarkozy”)<sup>17</sup>. Sobre os resultados do referendo escocês de 2014 que consultou a população acerca da independência, e em que o voto de “não” à separação do país do Reino Unido venceu por uma margem de mais de 10% (plebiscito potencialmente fraudulento, afirmou Wolf, com base num punhado de depoimentos aleatórios que ela coligiu em sua casa em Nova York)<sup>18</sup>. Sobre o “New Deal Verde” (não são as demandas de organizações de mobilização popular por justiça climática, asseverou ela, e sim mais um embuste orquestrado pela elite para disfarçar o “fascismo”)<sup>19</sup>.

Na nossa era de extrema concentração de riqueza e de impunidade aparentemente infinita para os poderosos, nada mais racional, e até mesmo sensato, do que averiguar a veracidade das histórias oficiais. Descobrir conspirações reais é a missão imprescindível do jornalismo investigativo, assunto ao qual retornarei com maior profundidade mais adiante. No entanto, uma investigação genuína

não era o que a minha *doppelgänger* pretendia quando lançou no ar as suas suculentas teorias sensacionalistas sobre Snowden, o Estado Islâmico e o ebola. Tampouco era o que ela estava fazendo quando imaginou tramas no aparecimento de nuvens de estranhos formatos (que ela insinuou serem parte de um programa secreto da Nasa para pulverizar os céus com “alumínio em nível global”<sup>20</sup>, potencialmente causando epidemias de demência). E também não era o que ela estava fazendo quando compartilhou no Twitter alguns pensamentos verdadeiramente extraordinários sobre redes celulares 5G, incluindo o seguinte: “Foi sensacional ir a Belfast, que ainda não tem 5G, e sentir a terra, o céu, o ar, a experiência humana, sentir como as coisas eram na década de 1970. Tudo calmo, quieto, pacífico, relaxante, natural”<sup>21</sup>. O comentário desencadeou uma avalanche transnacional do tipo de zombaria pela qual a plataforma é mal-afamada, a maior parte apontando que (1) Belfast já havia lançado o 5G no momento em que Wolf visitou a cidade, e (2) na década de 1970 a Irlanda do Norte passava por um horrendo e sangrento conflito armado que ceifou milhares de vidas.

Pode parecer difícil acreditar que tudo isso venha da autora que escreveu *O mito da beleza* quando tinha uma bolsa de estudos Rhodes em Oxford. “O que as meninas aprendem cedo não é o desejo pelo outro, mas o desejo de ser desejada”, ela escreveu naquela época. “Elas aprendem a observar seu sexo juntamente com os meninos. Isso ocupa o espaço que deveria ser dedicado a descobrir o que é que elas querem, a ler e a escrever sobre isso, a procurar e a alcançar o objetivo. O sexo é um refém da beleza e os termos do resgate são gravados cedo e em profundidade na mente das meninas com instrumentos mais bonitos do que aqueles que os anunciantes e os pornógrafos sabem usar: a literatura, a poesia, a pintura e o cinema.”<sup>22</sup>

O livro era coalhado de substanciais erros estatísticos<sup>23</sup>, um prenúncio do que estava por vir, mas também era evidente um paciente trabalho de pesquisa. Hoje em dia a produção escrita de Wolf na internet é tão frenética e fantástica que pode ser desconcertante ler as palavras de suas primeiras obras e lembrar que se trata de uma pessoa que claramente amava a linguagem, refletia com profundidade sobre a vida interior de meninas e mulheres e tinha uma visão ideal para a libertação feminina.

No início da década de 1990, Germaine Greer declarou que *O mito da beleza* era “a publicação feminista mais importante desde *A mulher eunuco*”<sup>24</sup> (best-seller da própria Greer, publicado em 1970). Em parte, havia ali um momento propício. Após a década perdida de 1980 – quando de súbito o feminismo se tornou mundano e sério demais para fazer sucesso no horário nobre –, a mídia corporativa estava pronta para declarar o advento de uma terceira onda do movimento das mulheres, e *O mito da beleza* alçou Wolf à condição de rosto fotogênico do movimento. Ela estava longe de ser a primeira escritora feminista a desmascarar os impossíveis padrões de beleza impostos às mulheres, mas fazia isso de um ângulo singular. O cerne do argumento de Wolf era que, durante os anos 1980, exatamente quando a segunda onda do movimento feminista conseguiu conquistar maior igualdade para as mulheres na educação pós-ensino médio e no mercado de trabalho, a pressão sobre as mulheres para atender a impossíveis padrões de magreza e beleza aumentou de forma acentuada, o que as colocava em desvantagem competitiva com os homens em suas áreas de atuação. Isso nada tinha de coincidência, alegou ela. Wolf escreveu que “a elite dominante” sabia que ocupava empregos que estariam em risco se as mulheres pudessem galgar postos livremente, sem nenhum obstáculo, algo que “precisa ser solapado ou a tradicional elite no poder ficará em desvantagem”<sup>25</sup>. O “mito” da beleza foi inventado, Wolf especulou, para drenar o poder e o foco das mulheres – mantê-las ocupadas às voltas com rímel e dietas de fome, em vez de ficarem livres para ascender na carreira profissional e sobrepujar seus rivais masculinos. Em essência, ela apresentou os elevados padrões de beleza da década de 1980 como uma reação ao feminismo da década de 1970.

No entanto, o feminismo que Wolf propôs em resposta não era um retrocesso às radicais demandas das décadas de 1960 e 1970, época em que o movimento feminista estava vinculado ao anti-imperialismo, ao antirracismo e ao socialismo, e em que as ativistas construíram os seus próprios coletivos, publicações e candidaturas políticas insurgentes propondo-se a contestar e transformar de fora para dentro os sistemas de poder dominantes. Pelo contrário, assim como Bill Clinton e Tony Blair afastaram seus partidos das diretrizes que defendiam a universalidade dos serviços

públicos e a redistribuição da riqueza em direção a uma “terceira via” pró-mercado e pró-militarista, a versão de Wolf do feminismo da terceira onda traçou um caminho rumo ao centro, com pouco a oferecer às mulheres da classe trabalhadora, mas prometendo mil maravilhas às mulheres brancas de classe média com alto grau de instrução formal como ela. Duas décadas antes de *Faça acontecer: Mulheres, trabalho e a vontade de liderar*, de Sheryl Sandberg<sup>26</sup>, Wolf publicou seu segundo livro, *Fogo com fogo*, que exortava o feminismo a abandonar os dogmas e a abraçar o “desejo de poder”<sup>27</sup>.

Wolf seguiu seu próprio conselho. Em vez de angariar poder no âmbito do movimento das mulheres, como fizeram suas antepassadas feministas, ela se lançou feito um míssil dentro do coração do establishment progressista tanto na cidade de Nova York quanto na capital, Washington. Ela se casou com um jornalista que se tornou redator de discursos de Bill Clinton e editor do jornal *The New York Times*; prestou consultoria ao analista e assessor político Dick Morris, que desempenhou um papel fundamental na guinada de Clinton à direita; e ajudou a fundar um instituto dedicado à liderança feminina. Pelo visto, Wolf não estava interessada em derrubar as estruturas de poder da elite – queria fazer parte delas.

A imprensa não enjoava de Wolf, que, em sua primeira década sob os olhos da opinião pública, se parecia muito com a atriz Valerie Bertinelli na minha série de tv favorita na infância, *One Day at a Time*. Ela não apenas era linda e segura de si enquanto reduzia a frangalhos a indústria da beleza, mas também escrevia de forma explícita e ousada sobre sexo e o direito das mulheres jovens ao prazer.

Muitas teóricas feministas excelentes que surgiram antes e depois de Wolf fizeram associações robustas entre experiências íntimas – incluindo estupro, aborto, violência doméstica, fetichismo sexual baseado em raça, doença e dismorfia de gênero – e as amplas estruturas sociais que as produziam. A década de 1980 foi repleta de livros desse tipo, muitos deles escritos por feministas negras: *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*, de bell hooks<sup>28</sup>; *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis<sup>29</sup>; e *Irmã outsider*, de Audre Lorde<sup>30</sup>, entre outros. *Os monólogos da vagina*, a inovadora peça feminista de Eve Ensler (que agora se chama V), foi encenada pela primeira vez quatro anos após a publicação de *O mito da beleza*. Essas obras continham revelações pessoais que